

ASPECTOS HISTÓRICOS DA PSICOLOGIA E A FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL CLÍNICA

Isabela Santos Mendonsa¹

Lucas Adriano Bessão²

Daiany Lara Massias Lopes Sgrinholi³

HISTORICAL ASPECTS OF PSYCHOLOGY AND CLINICAL EXISTENTIAL PHENOMENOLOGY

RESUMO: O presente artigo é resultado de uma pesquisa de cunho qualitativo e bibliográfico, tendo como objetivo central discorrer sobre a prática clínica na psicologia de inspiração fenomenológica existencial, que ganha espaço em decorrência de investigações de filósofos, médicos e psicólogos. Aspectos históricos e conceituais são indispensáveis para compreender o caminho de Sartre na construção de sua psicanálise existencial. Dessa forma, busca-se explicar os estudos da alma, mente e psique, passando pela psicologia positiva, clínica, psicanálise e como Sartre está inserido e contribui significativamente com um método de compreensão da realidade humana, buscando entender o sujeito em sua totalidade, não limitado a determinismos, sendo um indivíduo que se realiza no plano do concreto de acordo com seu projeto existencial, sobretudo o de colocar o homem como sujeito principal de sua história.

Palavras-chave: História da psicologia, clínica, fenomenologia-existencial, Jean-Paul Sartre.

ABSTRACT: *This article is the result of qualitative and bibliographical research with the central aim of discussing the clinical practice of existential phenomenological psychology, which is gaining ground as a result of research by philosophers, doctors and psychologists. Historical and conceptual aspects are essential for understanding Sartre's path in constructing his existential psychoanalysis. In this way, we will try to explain the studies of the soul, the mind and the psyche, through positive psychology, clinical psychology, psychoanalysis, and how Sartre is inserted and contributes significantly with a method of understanding human reality, seeking to understand the subject in its entirety, not limited to determinisms, being an individual who realises himself on the concrete level according to his existential project, above all that of placing man as the main subject of his history.*

Keywords: *History of psychology, clinic, existential-phenomenology, Jean-Paul Sartre.*

1. Introdução

¹ Acadêmica do 4º ano do curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR – sede.

² Acadêmico do 4º ano do curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR – sede.

³ Professora orientadora do curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR – sede.

Neste artigo, o conteúdo está dividido em três seções principais: Aspectos históricos da psicologia; A psicologia no contexto clínico individual; por fim, Sartre e sua psicanálise existencial. Na primeira parte, discorreremos sobre a história da psicologia, para entender o significado do termo “psicologia”, pois sua origem nem sempre esteve associada à ciência da alma, mente e comportamento. Esse ponto se apresenta como uma importante questão para pensarmos como ocorre a mudança de percepção da psicologia, constituindo-se, então, enquanto campo de estudo com os objetivos verificados na atualidade.

Autores como Aristóteles, Descartes, Kant e Comte contribuíram para que a psicologia fosse desenvolvida como uma ciência. Para que pudesse se tornar uma disciplina, foi necessário muito tempo, sendo assim considerada apenas com a abertura, em Leibniz, do laboratório de Wundt, no final do século XIX. Wundt não foi o único a buscar o status de cientificidade para a psicologia. O filósofo e psicólogo Brentano, por exemplo, também buscou esse lugar para esse campo do conhecimento, possibilitando o início do que viria a se tornar, com Husserl, a fenomenologia. Brentano apresenta a consciência como consciência de algo, que vai ser utilizada para desenvolver a fenomenologia husserliana.

Podemos citar ainda Dilthey, cujas contribuições auxiliaram no processo de compreender a Psicologia como um campo da ciência. O estudioso alemão ajudou a desenvolver o que conhecemos hoje como Ciências Humanas. Nesse sentido, ele foi importante para diferenciarmos a psicologia da ciência natural, perspectiva que condiciona animais em padrões e modelos definidos e busca reproduzir esses achados na condição humana (ANGERAMI, 2017).

Enquanto esses estudos eram desenvolvidos na Europa, nos Estados Unidos, W. James seguia a mesma direção de Wundt. Um dos passos dados pela psicologia clínica se deve a Witmer, pois ele procurava um modo de desvincular a psicologia da medicina, de forma que fosse possível agir por conta própria, chegando até a criar uma clínica-escola.

Na segunda parte, abordaremos a clínica representada desde à medicina na Grécia Antiga, com Hipócrates, onde os profissionais ficavam à beira do leito dos enfermos. Passando por Lightner Witmer até Freud, onde a clínica chegará a inovação com o método psicanalítico freudiano, no qual o paciente se expressava de forma livre,

podendo falar o que viesse à mente, sem julgamento sobre seus dizeres. Também se considerou que a ciência avança nos estudos da consciência, psiquismo e comportamento a partir dos estudos da fenomenologia, com Husserl, Heidegger e Sartre.

Distanciando-se da ciência natural e positiva, com o estudo da consciência, psiquismo e comportamento, outra vertente de contribuição para os estudos da apreensão das coisas no mundo é a fenomenologia

Na terceira parte, vamos discorrer sobre a fenomenologia e o existencialismo heideggeriano e existencialismo sartreano, tendo como foco as possibilidades do fazer clínico. Sobre a fenomenologia, discutimos de qual forma Husserl chega a devolver a fenomenologia que servirá de base para o desenvolvimento dos estudos existencialistas de Heidegger e Sartre. O primeiro apresenta seu existencialismo a partir de *Dasein*, isto é, uma forma de sermos nós, e com o ser-aí nos relacionamos com o mundo. O segundo pensador compreende que o sujeito primeiro nasce no mundo e depois se faz de acordo com os seus projetos originais. Por fim, desenvolve como Sartre chega a pensar na psicanálise existencial e nos métodos biográfico e progressivo-regressivo, considerando a maneira como esses vieses servem de base para pensarmos em uma psicologia fenomenológica-existencial.

Este é um estudo de abordagem qualitativa, realizado por meio de pesquisas bibliográficas, cujas referências foram encontradas por meio de indexadores como Google Acadêmico, *Scielo*, *Redalyc*, revistas online e livros voltados aos autores que auxiliaram na fundamentação deste trabalho.

Sendo assim, buscamos entender a história da psicologia perpassando a clínica, até chegar ao método fenomenológico-existencial sartreano, compreendendo a humanidade e colocando-a na totalidade da existência do sujeito com sua historicidade.

2. Aspectos históricos da psicologia

Araújo (2021), em seu artigo: “O Nome e a Coisa: Sobre as Origens da Psicologia Como Ciência”, apresenta que o conceito do termo psicologia vem do grego envolvendo as palavras *psykhé* e *logos*. Todavia, a raiz da palavra *psykhé* possui, em sua etimologia, diversos significados, nem sempre com conotações psicológicas. Em Homero, quando o termo aparece, refere-se apenas a uma força vital deixada do corpo quando um indivíduo morre ou desmaia, e é a partir dessa concepção que o termo *psykhé*

ganha o sentido conhecido hoje quanto aos aspectos de cognição, afetividade e volitivos da pessoa, que eram considerados, na época, como a alma. Possivelmente, esse termo contemporâneo se aproxima dos conceitos de mente ou de personalidade.

Na mesma linha de raciocínio, para Mengal (2016), o surgimento da palavra “psicologia”, visualizando-a como ciência da alma, nos remete ao discurso filosófico, sendo que ela só é encontrada a partir do fim do período renascentista, pois o conceito conhecido hoje é uma invenção do fim do século XVI. A raiz *psycho* era encontrada no *Lexicon de Sophoclès* (equivalente a um dicionário em grego “antigo”) em diversas palavras, como em *psychogonia* (geração da alma), *psychodesmos* (vínculo), mas não fazia menção à palavra *psychologia*, ainda que a raiz *psykhe* fosse possível (MENGAL, 2016).

Um novo sentido para o termo começa a surgir no final do século XVI e início do XVII. Um dos nomes responsáveis por essa mudança é Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716), que explorou o sentido da conhecida mente ou até paixões da alma. A partir de suas contribuições, surge o conceito de substância original ou mônada. Essa concepção não estaria distante dos autores da mesma época (ARAÚJO, 2021).

A partir de Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.), passa-se a desenvolver o conhecimento da ciência da alma, que abrange todos os seres vivos, e não apenas os seres humanos, inclusive plantas e outros animais. A *psykhé* é o que distinguiria os seres inanimados dos seres vivos. A ciência da alma passa a ser também uma ciência da natureza, filosofia da natureza ou física. Dessa forma, a alma estaria ligada às funções biológicas (ARAÚJO, 2021).

No século XVII, nasceu, na França, René Descartes (1596-1650). O filósofo, físico e matemático francês buscou responder uma questão que pairava em sua época relacionada à interação entre corpo-mente. Antes dele, considerava-se apenas uma influência mental sobre o corpo, mas, para Descartes, a mente e o corpo se influenciam mutuamente.

A mente, para o pensador francês, é livre, pois não ocupa um lugar físico, no que se refere, por exemplo, ao pensamento e às percepções. O corpo, por ser material, perpassa por tudo aquilo que outros corpos físicos e mecânicos passam. A explicação dada por Descartes era mecanicista. Em outra forma de dizer, a quantidade de fluxo do espírito animal em seu sentido físico produz uma sensação de um grau de utilidade mental

(SCHULTZ, D.; SCHULTZ, S., 2019). O contrário também é verdadeiro, pois a mente criava uma “noção”, chamada por Descartes de *conarium*. Para Schultz, D. e Schultz, S. (2019), não se sabe, ao certo, qual o real sentido empregado pelo pensador francês ao fazer essa afirmação. Assim, de acordo com ele, essa “noção” guiava para uma direção e outra, que poderia provocar no fluxo animal um movimento corporal.

Em meados do século XVII e início do século XVIII, Kant (1754-1804) apresenta o criticismo, uma doutrina filosófica sustentada na razão para avaliar o que realmente poderia ser conhecido ou não. Buscava, ainda, superar a dualidade existente na época entre empirismo e racionalismo. Kant descreve sua filosofia como uma “revolução copernicana” (a qual colocou o Sol como centro do Universo e a Terra girando ao redor dele). Essa analogia reflete a maneira como as contribuições do estudioso contestavam os conhecimentos anteriores, o que acabou guiando-o a um idealismo. Desse ponto, despontaram duas linhas de pensamento divergentes, a primeira com os materialistas, como Marx, Engels, juntos aos positivistas; e a outra com os idealistas, como Hegel e Fichte (ARANHA; MARTINS, 2013). “O século XVIII foi a culminância de um processo que se construía desde o Renascimento, marcado pela laicização da razão, pela autonomia do pensar e do agir e pela descoberta da subjetividade” (ARANHA; MARTINS, 2013, p. 145).

Segundo Silveira (2018), Kant argumenta que é necessário um vínculo essencial entre as leis matemáticas e o mundo espacial; neste ponto, para a psicologia, o fenômeno psíquico está restrito ao tempo de sentido interno, com apenas uma dimensão, além disso, os fenômenos mentais não são passíveis de mensuração. Assim, diante da ciência dos corpos no espaço, seu objeto é unicamente temporal, impossibilitando de ser matematizado, no máximo, pode ser visto como uma linha reta que representaria os estados internos do “eu” considerando a subjetividade (GOMES, 2005).

Dessa forma, a psicologia em Kant não poderia ser uma ciência e nem uma teoria experimental, a exemplo das ciências exatas/naturais, devido à impossibilidade de ser dividida em partes que possam ser recombinações entre si, além de não poder observar a experiência interna de um outro sujeito. Isso porque o objeto a ser observado, na psicologia, pode ser modificado por meio da experiência interna, provocando alterações no objeto (SILVEIRA, 2018).

Para não se perder de vista, é por meio dessa ideia de ciência dentro do âmbito da fisiologia, principalmente, que começou a surgir a psicologia experimental com Wilhelm Wundt, ao final do século XIX. Ele rejeitava a proposta de formalizar matematicamente o objeto de estudo, conforme os princípios do entendimento humano (GOMES, 2005).

Em seu curso de Filosofia Positiva, Auguste Comte (1798-1857) diz que a validade da observação do humano estaria limitada a uma observação externa e então direcionada à biologia ou até mesmo à sociologia (GOTO; HOLANDA; COSTA, 2018). Assim, a compreensão humana se daria por meio da comparação, não relacionada à psicologia da introspecção da época, pois essa perspectiva não faria o sujeito ir mais longe. Era necessário um outro, assim o questionamento era direcionado ao modo de pensar a introspecção e não necessariamente a psicologia como possibilidade de disciplina (KEIDE; JACÓ-VILELA, 2004).

Como em Kant, Comte também criticava a ideia de ser objeto e ao mesmo tempo sujeito da observação, visto que isso poderia interferir no resultado do entendimento do processo psíquico, pois o indivíduo teria noção sobre o experimento e o controle dos procedimentos, além de contar com a observação interna (CASTAÑON, 2009). No âmbito das ciências, a partir de Comte, haveria:

I) Estudo da terra ou cosmologia baseado numa concepção de uma ordem abstrata (ou seja, estudo da existência universal) realizado a partir dos níveis de desenvolvimento da matemática: 1ª. Numérica; 2ª. Geométrica; 3ª. Mecânica. II) Estudo da terra ou cosmologia baseado numa concepção de uma ordem concreta (estudo da ordem material) realizado a partir dos níveis de desenvolvimento da física: 4ª. Celeste (astronomia); 5ª. Geral (Física); 6ª. Especial (química). III) Estudo do homem baseado na concepção preliminar de uma ordem vital: 7ª. Fisiologia. IV) Estudo do homem baseado na concepção final de uma ordem humana (física social): 8ª coletiva (sociologia); individual (moral). (BRITO, 2015, p. 50)

O positivismo comteano exclui expressamente a psicologia das ciências ao remetê-la à introspecção e à contemplação, sendo, nesse viés, consideradas formas de ilusão. Para Comte, as atividades de observação externa deveriam ser uma tarefa da biologia. Toda ciência seria reduzida ou ligada à sociologia para termos sua história e moral (SILVEIRA, 2018).

Assim, ou bem a psicologia se atém à especificidade de seu objeto e, uma vez que ele escapa à observação externa, abre mão imediatamente de sua inscrição na ciência, confundindo-se ora com a metafísica, ora com a literatura; ou bem se submete ao método positivista e, nesse caso, passa a ser ciência da natureza, perdendo de vista seu objeto: o sujeito. (SILVEIRA, 2018, p. 15-16)

Após Comte, são estudadas novas formas de tornar a psicologia uma ciência, definindo-se o seu objeto de estudo, com os conhecimentos desenvolvidos por Wundt e Brentano, no final do século XIX. Leonardi (2011) demonstra que Wundt, ao construir aspectos científicos para uma psicologia, criou um método experimental, com base nas ciências naturais, guiado pelo método positivista. Teorizou sobre a experiência consciente imediata e experiência consciente mediata, sendo, respectivamente, uma subjetiva, voltada a investigar o sujeito da experiência com o próprio conteúdo da experiência; e a outra concentrada na análise do conteúdo objetivo, por meio de um mundo externo, que poderia ser analisado sem depender do sujeito.

Assim se estruturaram a psicologia e as Ciências Naturais, ambas ciências empíricas. A psicologia de Wundt buscava “fugir” do campo da metafísica, pois não havia uma diferenciação significativa entre esses dois campos das ciências empíricas, apenas era um modo diferente de se abordar os conhecimentos, assim elas se complementariam (LEONARDI, 2011).

Brentano, por sua vez, era natural da Alemanha, ensinou em Würzburg, assim como na faculdade de Viena. No ano de 1864, recebeu o título de padre, porém, mediante as suas interrogações sobre os princípios da infalibilidade papal, decidiu abrir mão da igreja no ano de 1873 (BORIS; DANIEL, 2011). Brentano objetivava fundar a psicologia em relação a um objeto e método específico e empírico, segundo o qual se apresenta a experiência, ou seja, o fenômeno. Não obstante, Brentano não estava indo contra a psicologia como uma ciência natural, pois considerava que a ciência poderia trazer rigor e precisão aos métodos. Além do mais, a psicologia, para ele, teria relação com as outras áreas do conhecimento, e estaria no topo das ciências (CARVALHO; MONZANI, 2015). Nesse sentido, para Carvalho e Monzani (2015, p. 799 – 800):

O filósofo defendia a psicologia como uma disciplina autônoma que podia desenvolver-se sem recorrer a uma base fisiológica; o que, para ele, não apenas era possível mas epistemologicamente incontornável, pois o modo pelo qual concebia a mente não tolerava um reducionismo fisiológico.

Dois tipos de fenômenos são apresentados em Brentano: os físicos e os psíquicos, relacionados aos modos pelos quais a realidade aparece (SOARES; PORTA, 2022). Os fenômenos físicos são dados por meio da percepção e existem por meio da experiência, em termos de exemplo, podemos citar as cores, os sabores, as sensações. Os

fenômenos psíquicos estão relacionados aos atos mentais direcionados para objetos intencionais. Eles são reais por eles mesmos. Para Brentano, a definição desse fenômeno sem que se perca de vista o fenômeno físico poderia enquadrar a psicologia em uma ciência positivista por se afastar da metafísica (LEONARDI, 2011).

Segundo Soares e Porta (2022), sempre tem algo dado como objeto ao fenômeno psíquico e ele capta e define algo que, ao mesmo tempo, diz sobre ele mesmo. Só podemos ver ao mesmo tempo que vemos algo. Diante disso, os autores apontam que Brentano discorre sobre dois termos dentro de uma chamada relação intencional da consciência, o ato psíquico e aquilo que direciona o ato. Como exemplo, podemos citar o amor e o que é amado; a negação e o que é negado. Expõe ainda dois status: um psicológico e outro ontológico. O primeiro está relacionado ao fenômeno psíquico contendo em si o objeto; e o outro é o fenômeno psíquico, referindo-se a alguma coisa do objeto, isto é, esse status refere-se à consciência como a relação entre sujeito (ato) e objeto (sendo aquilo que é querido, desejado, imaginado, entre outros). É uma característica para se referir a algo.

O status ontológico é o conhecimento de que o objeto se encontra localizado na consciência, ou seja, o ato possui um objeto intencional como seu semelhante. Por exemplo, pensar é pensar sobre algo, desejar é desejar algo. O significado da palavra intencional, nesse contexto, tem relação com a sua origem, do latim *tendere*, que é em direção a algo, e não recuperando um sentido próprio ao senso comum sobre a “boa” ou “má” intenção, mas referindo-se a outras intenções (propósito, vontade que algo aconteça) (SOARES; PORTA, 2022).

Desse modo, intencionalidade é uma determinação da essência de um fenômeno psíquico, que está vinculada à consciência de alguma coisa (DUARTE; MONTICELLI, 2021).

A intencionalidade não se limita a explicar a relação do ato com um objeto, mas também opera um papel para explicar a autoconsciência que acompanha todos os atos psíquicos. Na mesma medida em que estamos conscientes de algo, estamos conscientes de que estamos conscientes, pois, ao mesmo passo em que a percepção externa capta o fenômeno físico da qualidade sensível, a percepção interna capta o próprio ato. (DUARTE; MONTICELLI, 2021, p. 123)

Segundo Soares e Porta (2022), ao apresentar as ideias de Brentano, duas pessoas podem se referir ao mesmo objeto, mas ainda assim apresentar, em algum grau, conteúdos diferentes, ou seja, quando falamos em ato e conteúdo, estamos, também,

mencionando o ato de representar e um representado. É possível negar ou afirmar a representação de um objeto e, com isso, se posicionar sobre ele.

Outro contraponto da psicologia científica de Wundt é apresentado por Wilhelm Christian Ludwig Dilthey (1833-1911). Nascido em Biebrich, na Alemanha, foi professor de história da filosofia, em Berlim. Estava envolvido com as questões teóricas da época, dialogando com diversos autores que discordam do idealismo hegeliano. Escreveu sobre a metafísica, apesar de ter ressalvas a esse pensamento e não economizou críticas ao positivismo, viés ao qual se alinhou ao ser contra a metafísica, embora discordasse do naturalismo imposto por esse modelo (ARAÚJO, 2008).

O nome de Dilthey está relacionado às ciências humanas, à hermenêutica e a uma psicologia não naturalista (LESSING, 2019). Objetivava propor um modelo com pluralismo epistemológico, que possuía dois tipos de ciências: as ciências naturais (propõe-se a explicar e estabelecer leis genético-causais) e ciências do espírito (propõe-se a compreender as significações). Em outras palavras, ele é conhecido pela distinção entre ciências humanas e ciências naturais, sendo que a primeira expõe uma característica compreensiva e a outra possui uma característica explicativa. Para que a psicologia, como uma ciência, de acordo com os princípios de Brentano, fosse autônoma, mesmo sendo considerada um campo do saber fundamental, faltava ainda uma distinção das outras ciências (FREITAS, 2021). Nesse momento, de acordo com Freitas (2021, p. 16),

[...] a psicologia ainda não possui um status propriamente científico, uma vez que não há consenso quanto ao seu caráter distintivo, nem senso de unidade quanto aos seus princípios teórico-metodológicos. Essa era uma preocupação que movia, por exemplo, o projeto da psicologia de Brentano. (FREITAS, 2021, p. 16)

Dilthey apresentava uma psicologia que buscava não somente reduzir o olhar ao sujeito para descrevê-lo em relação às respostas dos estímulos fisiológicos, mas sim de uma perspectiva na qual fosse possível ampliar a visão da vida humana como um todo, sem perder de vista a objetividade das descrições e análises (RIBEIRO, 2018). Esse projeto de psicologia estaria junto à antropologia em razão de ambas estarem ligadas com a ciência do “espírito” e se encontrarem no entendimento que buscava a compreensão e a historicidade da unidade psicofísica.

A psicologia descritiva se opõe à psicologia explicativa (EVANGELISTA, 2021). Para Ribeiro (2018), sem as críticas realizadas por Dilthey, especialmente no que

tange o mecanicismo e a biologia na relação com a psicologia, ela não teria conseguido criar uma clínica própria e adentrado aos mais diversos contextos.

William James (1842-1910) apresentou, em sua obra “Principles of Psychology”, a busca por uma psicologia que fosse uma ciência natural, considerando a independência da metafísica, aproximando-a mais da biologia. Com isso, o estudioso descreve críticas às concepções de “eu dos sentidos e determinações em si mesma”, o que equivaleria ao termo substância, tratado por autores, como Descartes, Kant ou até mesmo Hegel. James rejeitava o conceito da inexistência do eu, pois esse “eu” conduziria o sujeito a um feixe de sensações (FEIJOO, 2013).

De acordo com Abib (2009), Wundt e James lançariam para a psicologia moderna o sujeito como “devir”, aquele que se torna algo e não ser um como um ser. De acordo com o autor (ABIB, 2009), James vê a consciência como sendo um órgão evoluído, que pode se adaptar às pessoas e ao ambiente, com o propósito de contribuir para a sobrevivência. Nessa lógica de psicologia funcionalista, poderia ser realizado um estudo das funções cerebrais, bem como um estudo dos fenômenos cognitivos, perceptivos e da nossa vontade que, por sua vez, ofereceria um resultado prático por meio de ações terapêuticas.

James visa conhecer a mente por ela mesma; para ele, o pensamento é uma forma de consciência. Para sustentar essa afirmação, ele lista cinco pontos elencando como o pensamento e a consciência se relacionam, sendo que ele é sempre parte dela; logo, estando em constante mudança, concentra-se em uma parte e não em outras. Os objetos que aparecem, na consciência, são independentes e têm uma sensibilidade contínua (FEIJOO, 2013).

Em uma Psicologia clínica com bases funcionalistas, o que está em questão é de que modo podemos alcançar a ação correta para atingir os fins que conduzam ao bem viver [...] Embora James assuma uma posição empírica, encontramos uma aproximação com a máxima das filosofias existenciais que defendem a indeterminação e o caráter de negatividade da existência. Ambos, ao extinguir a consciência, pretendem eliminar definitivamente todas as formas de dualismo. (FEIJOO, 2013, p. 849 - 850)

Em outras palavras, para James, a consciência se adapta, é pessoal/individual, seletiva e está em constante mudança. Buscou ainda formular uma teoria das emoções, relacionando percepção e mudanças fisiológicas, ou seja, se conseguimos controlar a mudança fisiológica, podemos controlar a emoção. Por exemplo, aprender uma técnica

de relaxamento para reduzir o medo em uma situação que desperta essa emoção, ultrapassando-a (HOTHERSALL, 2019).

3. A psicologia no contexto clínico individual

Etimologicamente, a palavra “clínica” tem origem grega *'kline'*, significando cama ou leito (PASTORE, 2012; WALTER; PINHO, 2017). Ao se distanciar dos cuidados aos enfermos por meio da magia, a ciência avança para que o médico cuide de um doente que está em seu leito/cama. Diante da doença, o terapeuta age sobre a desordem do corpo ou da alma, buscando entabular um estado de equilíbrio na pessoa (SCHNEIDER, 2011; WALTER; PINHO, 2017). Aliada a Hipócrates, a ciência caminha para a inauguração da observação clínica e a criação da anamnese como etapa inicial do exame médico.

O termo clínica, nessa conjuntura, refere-se a esse processo de observação e entrevista realizado pelo médico junto ao paciente, aparecendo em evidência no final do século XVIII e início do século XIX (MOREIRA; ROMAGNOLI; NEVES, 2007). Assim, “a clínica psicológica é herdeira do modelo médico, no qual [...] cabe ao profissional observar e compreender para, posteriormente, intervir, isto é, remediar, tratar, curar” (MOREIRA; ROMAGNOLI; NEVES, 2007, p. 613).

Para apresentar a visão de que a medicina entendia dos sujeitos, no sentido de intervir nos mais diversos processos de saúde e doença, segundo Branco (2018), Foucault caracteriza esse campo de estudo, até o século XVIII, como classificatório, pois estava direcionado aos conhecimentos biológicos quanto à taxonomia (classificação dos seres vivos) para classificar as enfermidades no quadro nosológico, entendendo a doença como anterior à própria pessoa doente.

Essa perspectiva tomou outro rumo no século XIX, quando se começou a compreender o vínculo entre o corpo e a doença, o que Foucault chamou de “protoclínica”. Para ele, a patologia se apresentaria conforme os sinais e os sintomas apresentados. O diagnóstico era compilado a partir dos indícios percebidos a partir de uma determinada enfermidade, sendo composto e decomposto pelos signos da doença e analisados de acordo com sua frequência e forma, para, então, ser nomeado.

Nessa relação com as ciências da época, o método objetivo clínico elegeu o olhar como instrumento principal para iluminar diretamente as lesões das doenças nas superfícies do corpo, e a linguagem era conformada para descrever rigorosamente as características

encontradas. As novas bases para o empirismo científico médico se propunham a ser um retorno a simples positividade do percebido, tomando os sinais e sintomas da doença como se fossem uma verdade ingênua e espontânea ao olhar. O sofrimento do doente, suas dores e as obscuras tensões internas também seriam deslocados inteiramente para uma avaliação objetiva do corpo, sendo vistos como objetos a conhecer. (BRANCO, 2018, p. 70)

Por mais que a medicina buscasse fugir das falsas interpretações com a materialidade dos achados físicos e da observação científica, que realmente abriu novas possibilidades de se olhar as doenças, ainda assim, criou, para si, uma centralidade do saber. Logo, dissipava-se o saber do paciente que poderia estar em sofrimento, associando-o a um sentimento de solidão, com medo diante a incompreensão do processo doença-morte, excluindo o sujeito de sua própria experiência. Isso ocorria especialmente pelo discurso da objetividade que a medicina concentra dentro de um espaço positivista sobre o corpo do paciente, criando também um lugar no qual as relações não eram recíprocas, pois tinham como base um saber científico, visto com rigor, detalhado, descritivo, ininterrupto (BRANCO, 2018).

Para Hothersall (2019), os psicólogos Lightner Witmer e Wilhelm Wundt admitiam que a psicologia deveria ser uma área independente da medicina, cuidando de pessoas com doenças mentais. Em 1896, nos Estados Unidos, Lightner Witmer abre a primeira clínica psicológica experimental, inicialmente ajudando crianças com atraso na fala ou no desenvolvimento. Em 1907, admite-se a formação profissional da psicologia clínica como uma área fora da medicina, ganhando força, também, a revista *Psychological Clinic* para publicar os achados dos casos em estudo. Em 1908, foi criada uma clínica-escola para tratar crianças com retardo ou perturbações mentais, contribuindo com estudos na área da psicologia comparada (HOTHERSALL, 2019).

Na Europa, Sigmund Freud abria outros caminhos para o desenvolvimento da psicologia. Nasceu em Freiberg, Morávia, no ano de 1856. Em 1860, chegou em Viena, devido à crise financeira que arruinou os negócios de seu pai, e de 1873 a 1881, cursa medicina na Universidade de Viena. Em 1885, ganha uma bolsa para estudar em Paris, com Charcot, no Hospital da Salpêtrière, onde aprende sobre as manifestações da histeria e os efeitos da hipnose e, junto com Josef Breuer, aprende que existe cura para os sintomas ditos histéricos. Freud começa a escrever seus ensaios em 1886, produzindo-os até 1938, um ano antes de sua morte (ONS, 2021).

Freud se interessou pelo método hipnótico, em 1882, o qual foi desenvolvido por Breuer com os relatos feitos no atendimento da paciente Ana. Com esse método,

Breuer considerava que no estado hipnótico seria possível aliviar os sintomas, chamando esse processo de abreação ou catarse. Nesse sentido, para ele, os sintomas aparecem quando algo significativo não é lembrado pelo paciente, o que Freud chamou de inconsciente.

Em 1885, Breuer foi ao encontro de Charcot, neurologista na clínica Salpêtrière, para aprender mais sobre hipnose, percebendo-se como mau hipnotizador. A partir daí, a livre associação de ideias foi uma tentativa para acessar os aspectos fora da consciência, e ao fazer isso, Freud notou resistências que não eram manifestadas na vontade do paciente, mas sim mantidas fora da consciência, como traumas, desejos e fantasias, nomeando-as como mecanismos de defesa (EIZIRIK; HAUCK; CAPPELLARI, 2019).

Foi no ano de 1896 que Freud inaugurou a “psicanálise”, criando seu próprio modelo de clínica, fundamentada na escuta biográfica (MORENO, 2014). Em Freud, a psicanálise e as ciências da natureza sempre tiveram uma relação clara (SIMANKE, 2009). Segundo Ons (2021), a psicanálise não é apenas uma cura, de modo que nunca foi um interesse prioritário dele, mas sim a possibilidade de expansão e redefinição da subjetividade do sujeito analisado.

O encontro dentro da psicanálise se inicia quando estão o analista e o analisado, ocorrendo em diversas sessões. Nelas, o paciente deve falar o que vier à mente, processo chamado de associação livre, sendo determinado pelo inconsciente, ou seja, um local de energia pulsional, constituindo-se como um modo de satisfazer uma necessidade, um exemplo disso é o caso de um bebê chorando. O inconsciente não pode ser acessado, porém ele se manifesta sendo um local em que os traumas também se revelam (ONS, 2021).

Distanciando-se da ciência natural e positiva, com o estudo da consciência, psiquismo e comportamento, outra vertente de contribuição para os estudos da apreensão das coisas no mundo é a fenomenologia. A etimologia desse termo refere-se ao estudo ou à ciência do fenômeno. “Como tudo que aparece é o fenômeno, o domínio da fenomenologia é praticamente ilimitado e não poderíamos confiná-la em uma ciência particular” (DARTIGUES, s/d., p. 1).

Edmund Husserl (1859-1938) afirmou, com a fenomenologia, não existir uma ciência objetiva do espírito, opondo-se ao modelo das ciências naturais, como propôs a

psicologia empírica, positivista e natural, que naturalizava a consciência, privilegiando apenas os aspectos objetivos os quais guiaram a uma naturalização do saber, da consciência, dos indivíduos e da vida psíquica. Para Husserl, era fundamental considerar as questões pertinentes ao sentido da existência humana (GOTO; HOLANDA; COSTA, 2018).

A crítica ao modo como a psicologia havia se desenvolvido como uma ciência da natureza já era encontrada em Dilthey.

Não é que ele procure depreciar os resultados que puderam obter as ciências experimentais (e notadamente a psicologia experimental). Mas essas ciências não determinaram exatamente seu objeto e não sabem, pois a que se referem os resultados obtidos. Pensamos aqui nas palavras de Binet que, à questão: O que é a inteligência? respondia: “é o que meus teste medem” Como admitir que se possa calcular sobre a sensação, a percepção, a memória, etc., sem ter previamente elucidado o que quer dizer sensação, percepção, memória? Se a psicologia contemporânea quer ser a ciência dos fenômenos psíquicos, é preciso que ela possa descrever e determinar esses fenômenos com um rigor conceitual. (DARTIGUES, s/d., p. 11. grifos do autor)

Husserl irá propor um novo modo de se conhecer a consciência e a percepção, buscando compreendê-las pela chamada fenomenologia, uma ciência das essências, cujo objetivo é fazer uma reflexão sobre os fenômenos que aparecem à consciência. O pensador alemão propõe um novo método filosófico chamado de redução fenomenológica (pode ser encontrado também como suspensão ou *epoché*) (MARTINS FILHO, 2023). Husserl sugere deixarmos de lado qualquer julgamento, abandonando os conceitos em relação ao fenômeno que nos é apresentado (LIMA, 2014).

No ano de 1884, Husserl assume a função de assistente de Weierstrass, onde entra em contato com a “Psicologia do ponto de vista empírico”, de Brentano, e seu conceito de intencionalidade. Esse contato faz Husserl questionar as insuficiências das ciências humanas (DARTIGUES, s/d). Com isso, segundo Moreira (2010), dentro da fenomenologia husserliana, temos a crítica aos objetivismos, pois ela focaliza o modo como a experiência, as formas e a qualidade dos objetos são experienciadas pelo sujeito. Em Husserl, encontramos a afirmação de que a “consciência é consciência de algo”, isto é, a intencionalidade, como apresentado por Brentano. A realidade só existe e possui sentido na consciência de algo ou de alguma coisa (MARTINS FILHO, 2023)

Husserl se apoiou no idealismo e no projeto de filosofia transcendental alemã, tendo foco não apenas as possibilidades reflexivas sobre suas vivências intencionais, a priori, como também, delimitou a forma como o fenômeno se apresenta à consciência. A

fenomenologia precisa ser capaz de responder sobre a verdade e a realidade do mundo, bem como quanto às possibilidades do conhecimento e do saber teórico, ou seja, se afirmar como transcendental (SANTOS, 2014).

Todavia, considerando a fenomenologia como método, podemos, de início, a partir de Husserl, perceber certas limitações diante da ciência positivista. Primeiramente, a experiência poderia vir a partir da compreensão das expressões dos outros, pensando no fato de que a vivência de outrem é análoga à minha vivência projetada no outro. A experiência fica sendo assim passível de ser reinterpretada. As características de alguma coisa podem ser universalizadas singularmente, dessa forma, podemos ter significados aproximados, porém nunca idênticos. A segunda limitação vem da formação de uma eidética sustentada na *epoché* abstrativa, de um conjunto compreensível de essências, como, por exemplo, a gramática, com expressões da língua ou verbais (SANTOS, 2014).

A intencionalidade refere-se ao ato de transcender a si mesmo, rompendo as estruturas que nós, sujeitos, posicionamos em relação aos objetos, ou quanto à existência dos objetos sem a necessidade da consciência. Com isso, quando discorremos sobre o sujeito, falamos do objeto, ou vice-versa. Sem uma divisão entre o espaço-tempo entre eles, elimina-se a ideia de causalidade. A consciência é, em Husserl, transcendental, “projetada por seus próprios atos para o campo dos objetos correlatos” (FEIJOO; MATTAR, 2014, p. 443).

Em sua última obra, “Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental” (1935), Husserl propõe o conceito de mundo vivido, apresentando uma psicologia voltada mais a olhar a subjetividade humana, do que fazer a observação de determinados comportamentos objetivos, como acontecia na psicologia dita científica. (MOREIRA, 2010). Nas clínicas com base fenomenológica, objetiva-se descosturar as amarras integrantes da essência constitutiva da consciência, para, assim, as recordações, esperanças e as percepções não formarem um aglomerado, fazendo sumir com aquilo que é a questão (FEIJOO, 2013).

Heidegger (1889-1976), assim como Husserl, tem uma crítica à psicologia da época, que conduz a uma coisificação da consciência dirigida aos objetos como se fossem dados, possibilitando uma abertura prévia para ações conscientes ou não. É necessário que as coisas apareçam para nós para podermos aprendê-las por meio da consciência

vivencial. Essa abertura antecede o ato da consciência, sendo articulada na compreensão de ser que pertence ao *Dasein* (CARMO, 2018).

Dessa forma, não há uma separação entre o mundo e a consciência. O termo *Dasein* pode ser encontrado como ser-aí (ou pre-sença, na versão de “Ser e tempo”, da editora vozes, ou mesmo sem “tradução”), que significa nós somos nós mesmos (HEIDEGGER, 2005). Como ser-aí, tecemos relações com o mundo, o que pode denominar-se existência, em Heidegger. Nesse sentido, a existência encontra-se em uma rede de situações, as quais não são externas a nós, mas compõem nossa existência. Ou seja: “[...] somos e estamos juntos ao mundo de modo que o mundo constitui a experiência de cada um e se abre para cada um de nós de uma perspectiva única” (BRAGA; FARINHA; MOSQUEIRA, 2019, p. 4).

O *Dasein* (ser-aí/pre-sença) se mostra como uma possibilidade de o ser buscar a superação da ideia de que algo é simplesmente dado para determinar a existência. O ser que está em jogo é sempre meu. Isto é, ele acompanha pronome pessoal, como eu sou, como você é. A análise existencial do *Dasein* acontece antes de toda a psicologia, antropologia e biologia. Heidegger traz para reflexão crítica a já citada psicologia da época, apresentada por Dilthey por justamente diferenciar a psicologia como uma ciência do espírito, sustentando-a em uma reflexão sobre a totalidade da vida e seus conjuntos (HEIDEGGER, 2005).

No artigo “Psicologia e Daseinsanálise: o cuidado em atmosfera filosófica” (MATTAR, 2022), a autora comenta que Heidegger retomou Freud para discutir a cientificidade da *Daseinsanalyse* ou Analítica do *Dasein*, pois o termo “análise” remeteria a uma recondução de sintomas à origem como se fosse uma análise química, na qual os sintomas decompostos levariam a eles próprios sendo essa decomposição causal. No entanto, para Heidegger, nem sempre seria necessária uma recondução a um ser, e nem mesmo o existir, no sentido da análise freudiana ou química.

É importante mencionar que Heidegger serviu de inspiração para inúmeros filósofos e psicólogos de sua época pela riqueza de conteúdo demonstrada em seus estudos. Além disso, é possível dizer que sem esse grande pensador não seria concebível chegar ao patamar de conhecimento atingido na atualidade (MOREIRA, 2010). Nas clínicas com base existencial, busca-se um lugar compartilhado, fazendo o possível para que ocorram as transformações existenciais. Devemos nos lembrar que, para Heidegger,

a existência não significa estar presente ou com o ato de ser algo, mas sim com um ser jogado para fora de si mesmo em direção ao histórico da realização de si (FEIJOO, 2013).

Partindo dessa mesma linha de pensamento, Heidegger e Sartre são pensadores que possuem um grande reconhecimento na contemporaneidade, elaborando, cada um à sua forma, os pressupostos do entendimento da ontologia fenomenológica. Os dois estruturam os seus estudos mediante a análise para aprofundar o metafísico que traz características ao modo de pensar ocidental. Apesar de seguirem percepções fenomenológicas diferentes, com inúmeras sugestões distintas desenvolvidas por ambos, para Sartre, Heidegger servia como um dos principais modelos aos quais seguia, uma vez que os dois tinham várias semelhanças teóricas (SCHNEIDER, 2020).

4. Sartre e sua Psicanálise Existencial

Ao conhecermos um pouco mais sobre Sartre, ficamos sabendo que, quando mais novo, em algumas ocasiões, ele ficava na livraria do avô. Junto à sua mãe, Anne, necessitou morar na mesma residência do avô devido ao falecimento de seu pai, Jean. Na época, Sartre tinha apenas um ano e três meses, sendo assim, não foi possível estabelecer um vínculo duradouro com seu pai, mas tinha uma relação muito próxima da mãe, os dois se abriam um com o outro sempre que era preciso (FREITAS, 2018).

Ainda na infância, Sartre mostrava interesse pelas propostas e conteúdos dos discursos e imagens dos livros. Relata curiosidade de pensar sobre diferentes dimensões que as narrativas seriam capazes de ter. Isso pode ter ligação com o fato de Sartre não ter tido irmãos e amigos, desse modo, utilizava os livros como um meio de se entreter, como se eles fossem como portas que interligavam sua vida com o mundo lá fora. Sofria com o sentimento de não se sentir pertencente às coisas, por morar na casa dos avós por um tempo e, posteriormente, na residência do esposo de sua mãe, Joseph, com o qual Sartre não tinha uma boa relação e convivência, além disso, sentia como se a mãe o tivesse traído (FREITAS, 2018). A partir de suas vivências, observamos que:

Sartre teve consciência de que foi conivente com o projeto que fizeram dele quando criança, pois precisava ser reconhecido pela sua família. Compreendeu-se objetificado por esses olhares ambíguos, que ora o glorificavam, ora o denegavam. Mas era a legitimidade da glória que perseguia. Não lhe era confortável perceber a negação desta. (FREITAS, 2018, p. 38)

De acordo com Freitas (2018, p. 38), quando Sartre (1967, p. 70, apud FREITAS, 2018, p. 38) afirma: “nasci para satisfazer a grande necessidade que eu tinha de mim mesmo”, o filósofo:

[...] desvela a premência que as pessoas têm de buscar ser, e de que é no olhar do outro que a essência é encontrada. Dependente do outro para ser, também inverteu a situação, faz-se absoluto para o outro, uma plenitude indispensável. Queria ser o herói. (FREITAS, 2018, p. 38)

A inserção dos estudos de Sartre se deu pela finalidade em buscar conhecimento na área de filosofia, objetivando compreender o conteúdo do ser humano, seu lugar no mundo sem a existência de Deus, uma vez que essa forma de pensar o sujeito deveria olhar para um universo material. Mais adiante, Sartre entra em contato com a fenomenologia de Husserl, assimilando a maneira pela qual a consciência procedia, ou seja, de que forma a consciência tornar-se-ia consciência de alguma coisa (SCHNEIDER, 2006).

Para Sartre, a construção de sua filosofia existencial é apresentada como condição para compreender a existência/realidade humana, dessa forma, é necessário agir no mundo, fugindo do quietismo, que coloca o sujeito em um lugar de “eu não posso fazer isso”. Assim, “o homem não é nada mais que seu projeto, ele não existe senão na medida em que se realiza e, portanto, não é outra coisa senão o conjunto de seus atos, nada mais além da sua vida” (SARTRE, 2014, p. 30).

Nas palavras de Sartre (2014), a “existência precede a essência”, exemplificando que os objetos são criados como uma essência definida. Para ele, os objetos não poderiam ser criados sem saber a sua serventia, como a existência de um corta-papel ou de um livro, em que a essência precede a existência. Ao contrário, diante de seus estudos a partir da fenomenologia, apresentou que primeiro o homem aparece no mundo e depois se define, ou seja, “o homem é, antes de tudo, aquilo que projeta a ser, e aquilo que tem consciência de projetar a vir a ser” (SARTRE, 2014, p. 19).

Nesse caminho, Sartre parte do entendimento de que existem duas maneiras de ser existentes no mundo. Por meio do ser-em-si, que possui uma identidade definida, a partir dos objetos e das coisas, compõe-se o ser humano, como o seu corpo utensílio. O ser-para-si, por sua vez, apresenta consciência de si, vive para si, mas não tem uma identidade definida, é um ser contingente. Essa segunda possibilidade leva à discussão do conceito de liberdade, em que o foco é lançar-se para fora de si mesmo (SARTRE, 2011).

Objetivando um melhor entendimento sobre o ser humano, Sartre sugere a compreensão de “projeto original”. Para isso, entende o homem como uma completude, o qual faz as suas próprias escolhas e, a partir delas, ocorre a chamada exterioridade completa do sujeito propriamente dito, apontando a todo o momento, de forma inevitável, uma percepção que o transcende.

Diante disso, é possível estabelecer a análise psicológica, objetivando ir a caminho de um autêntico irreduzível, melhor dizendo, a uma centralização do indivíduo em busca de seu projeto de ser no mundo, o que, conseqüentemente, proporcionará ao profissional psicólogo(a) um entendimento e uma percepção mais aprofundados dos atributos psíquicos do paciente, assim como de suas ações na humanidade (BOCCA; SILVA; SCHNEIDER, 2019).

Sartre (2011) apresenta duas características presentes na psicologia empírica ou na psicanálise empírica, que são consideradas um erro. Ao tratar sobre essa temática, ele disserta sobre a psicologia empírica, afirmando que o homem se define por meio de seus desejos. Todavia, para ele, poderiam ocorrer dois erros com essa asserção. O primeiro, chamado de “ilusão substancialista”, que se constitui como se o desejo fosse refém de um conteúdo da consciência, evitando assim a ideia de transcendência. Os desejos estariam em um lugar da consciência como um traço psicológico, sendo uma coisificação da mente preenchida por dados internos. O outro está relacionado ao fato de considerar o homem como um “feixe de tendências”, então, se encontrados os dados necessários se encerra. Em outras palavras, busca compreender a pessoa por meio de sua inclinação, a partir de generalizações, porém, ao fazer isso, o sujeito desaparece das vivências.

A psicanálise existencial, por sua vez, busca compreender o indivíduo considerando que em:

[...] cada inclinação, em cada tendência, a pessoa se expressa integralmente, embora segundo uma perspectiva diferente, um pouco como a substância spinozista se exprime inteira em cada um de seus atributos. Sendo assim, devemos descobrir em cada tendência, em cada conduta do sujeito, uma significação que a transcenda [...] é sobretudo por uma comparação entre as diversas tendências empíricas de um sujeito que iremos tentar descobrir e destacar o projeto fundamental comum a todas - e não por uma simples soma ou recomposição dessas tendências: em cada uma delas acha-se a pessoa na sua inteireza. (SARTRE, 2011, p. 690)

A psicanálise existencial não procura para si mesma a função de detetive ou achar uma verdade que se oculta. Não busca também destacar uma parte dos fenômenos

humanos como sonhos em decorrência de outros, todos eles se revelam por meio de uma escolha fundamental. Essa escolha está ligada ao projeto original de cada sujeito. A partir do projeto existencialista, entendemos o homem como o que ele faz dele mesmo. Isso significa que o homem é projeto de sua totalidade por meio de suas ações, as quais não estão relacionadas ao sucesso ou fracasso. Desse modo, a justificativa de não se realizar uma determinada ação pela baixa taxa de sucesso nada mais é que uma tentativa de não responsabilização. É isso que Sartre chama de má-fé, que seria uma forma de mentir para si mesmo para evitar se entristecer com determinada escolha. Ação é liberdade, no sentido de poder assumir a escolha feita, encontrando novas maneiras de se posicionar diante uma situação (ROSOLEN, 2017).

Esse método não se esforça para catalogar condutas, inclinações ou tendências, é preciso decompô-las, esse procedimento equivale a interrogá-las por meio de um método específico, que é a psicanálise existencial. Essa vertente, por princípio, considera o homem em sua totalidade, e não só uma junção de condutas. Respalda-se na experiência, com base no entendimento que o sujeito tem da humanidade, com sua escolha fundamental, disfarçada de ocasião ou evento histórico. Para isso, tem como base a psicanálise de Freud e seus discípulos (SARTRE, 2011).

Cabe apontar, agora, semelhanças e diferenças encontradas entre as psicanálises descritas por Sartre (2011). A primeira semelhança é: todas levam em consideração as “relações de simbolização a símbolo” com estruturas que constituem as pessoas. As duas também consideram o ser humano como uma história contínua, para além das estatísticas, pensando que a situação do sujeito enquanto ser-no-mundo deve ser considerada, bem como os sentidos e a orientação de cada pessoa, isto é, o homem não nasce pronto, ele se constrói ao longo do tempo. Ambas não buscam ser expressas por definições simplistas e lógicas, mas sim reconhecer que a realidade precede essas determinações, além de ser preciso compreendê-la e reconstruí-la por meio de sínteses específicas (SARTRE, 2011).

A psicanálise empírica sustenta-se por meio dos complexos, e a psicanálise existencial pela intencionalidade da escolha, a qual se produz frente ao mundo; a escolha se junta em uma síntese pré-lógica da totalidade do sujeito e vê como infinitas as significações dentro de uma central de referências. A última semelhança é: a pessoa não

está em posição de fazer essa análise sobre si mesmo. Por mais que seja feita, o indivíduo não tem a capacidade de interrogar-se feito o Outro.

Porém, a psicanálise existencial rejeita o inconsciente que nos é dado como um fato psíquico, sendo uma coextensão da consciência. Isso porque, embora não tenhamos um conhecimento completo e detalhado sobre esses assuntos, não significa, necessariamente, que não sejamos conscientes deles. Conhecimento e consciência são diferentes, mas isso é uma “conversa para outra hora” (SARTRE, 2011).

Schneider (2022) assevera que as diferenças entre essas psicanálises são as bases da existência/realidade (ontologia) e o modo pelo qual se vê o sujeito no mundo. Sendo assim, as críticas feitas por Sartre referem-se à “ilusão substancialista” quanto ao inconsciente, e mecanicista, por causa da energia psíquica. A autora ainda afirma que devemos compreender a situação a partir de um passado, concebendo um ato compreensivo no qual há um retorno do futuro guiado ao presente (SCHNEIDER, 2022).

Sartre, ao apresentar Flaubert, descreve-o como uma pessoa que aos sete anos se atrapalhava com palavras e frases, mas se tornou um escritor. A epilepsia foi um diagnóstico recebido por Flaubert, porém Sartre assinala que as situações vivenciadas por ele, na sua infância, por meio de sua família, e os sofrimentos impostos a ele enquanto criança podem tê-lo direcionado a uma passividade (PINTO; SANTOS; SPONCHIADO, 2020). Isso acontece tal qual um homem que se pode amar ou odiar, condenar ou solenizar; o Outro, em relação a nós, afeta-nos por existir, podendo ser aspecto a ser moldado recebendo os desejos de forma passiva ou meramente um feixe de tendências irreduzíveis. Seja como for, nos dois casos, a pessoa desaparece, permanecendo apenas “[...] uma substância metafísica, inútil e contraditória” (SARTRE, 2011, p. 687), ou um devaneio de fenômenos ligados pelo meio externo.

Segundo Schneider (2022), para desvelar os aspectos psicológicos que não são conteúdos ou parte de uma consciência, eles aparecem sim como acontecimentos de algo para além de si, sendo expressos como desejos, comportamentos, emoções, modos de agir no mundo. Podemos compreender esses fatores de modo mais profundo, ao interpretá-los em um irreduzível psíquico, ou seja, o projeto fundamental de ser. É dito irreduzível porque é entendido em uma totalidade do ser.

Esse caminho realizado por Sartre para a construção de sua psicanálise existencial contribuiu para um conhecimento da realidade humana. O filósofo também

apresenta biografias, as quais abordam sobre pessoas em suas trajetórias, oferecendo um caminho para a compreensão antropológica, sociológica e clínica dos fenômenos tratados em seus estudos.

Biografia é o nome que se dá quando é necessário conhecer uma pessoa ou seus antepassados. Esse termo surgiu na suspensão ocorrida por intermédio da cultura da *pólis* e os espaços impérios nas quais lhe surgem na crise, havendo a necessidade do registro. A palavra biografia é de origem grega, onde *bios* significa “vida” e *graphein*, que significa “escrever” (CARINO, 1999).

Em uma biografia, vamos encontrar uma exposição de acontecimentos e citações sobre características dos arredores, como educação, cultura, biofísica, estabelecendo uma conexão entre o antes e o depois, ou entre os desejos e a sua ação, podendo ser compreensível, ou manifestar uma compreensão que busca conexões generalizadas, como citado por Sartre, entre fraqueza e hipocrisia. Ignoramos a relação concreta entre elas, como a psiquiatria faz ao falar das estruturas gerais dos delírios, omitindo a compreensão do conteúdo pessoal e concreto da psicose (SARTRE, 2011).

Desse modo, Sartre vê o método biográfico como algo verificativo, cujo objetivo é orientar elementos atuais, por serem regressivos e progressivos ao mesmo tempo. Um de seus cuidados visa, a partir de uma visão marxista, restituir o sujeito em seu cenário. Além disso, procura compreender a história de vida geral do indivíduo em busca de entender todo o contexto vivido, para que assim seja possível realizar alguma intervenção (SCHNEIDER, 2008).

Sartre teve como influência o método de Henri Lefebvre, que propicia à sociologia e às narrativas princípios da materialidade dialética, contribuindo com as concepções de Jaspers acerca da demanda. Partindo de uma lógica distinta que investiga as vivências humanas, Sartre sugere o entendimento do método biográfico a partir da perspectiva de vivência do ser humano, tendo em vista a compreensão da temporalidade como totalidade da psique, como se fossem proporções da vivência que assimilam, também, a proporção antropológica da completude da vida (BORIS; NOGUEIRA; PEREIRA, 2018).

É possível então verificar que o conceito de biografia mais conhecido popularmente difere-se do conceito existencial. Desse modo, para Sartre (1943, apud SCHNEIDER, 2008, p. 297):

O existencialista tece críticas contundentes à forma mecanicista como as biografias, em geral, são elaboradas, na medida em que realizam uma narrativa histórica feita por fora, sustentando-se em acontecimentos exteriores e em alusões aos grandes ícones explicativos de nossa época: hereditariedade, meio, educação, etc. (SARTRE, 1943).

Ainda, sobre as biografias em Sartre, Schneider (2008, p. 297) faz as seguintes colocações:

Em suas biografias, ele não realiza uma simples descrição da facticidade (narrativa dos fatos vividos), ou uma biografia de linhagem (onde nasceu, filho de quem, casou com quem, teve quantos filhos, escreveu quantas obras, etc); seu método implica que as biografias sejam realizadas por dentro, quer dizer, devem ressaltar o sujeito concreto, “em carne e osso”, através de um movimento de compreensão, no qual buscam esclarecer as condições epocais, materiais, antropológicas, sociológicas que o determinaram e a forma como delas se apropriou, chegando a sua dimensão subjetiva, psicológica.

Um dos principais objetivos da utilização do método biográfico na clínica é trabalhar com os distintos elementos e graus de acontecimentos de ordem psicológica, o que abrange todo o contexto de cunho social, cultural, psicológico do indivíduo a ser atendido. O intuito é realizar um delineamento do processo psicoterapêutico, no qual seja levado em consideração cada caso em particular. Isso acontece para, posteriormente, chegar-se a um ponto no qual o sujeito seja capaz de tornar-se indivíduo, protagonista de sua respectiva história de vida, indo ao encontro de seu projeto de ser, que está em constante transformação. Esse fato coloca em evidência a possibilidade de se transfigurar como um ser humano social de maneira completa, com a consciência de ser/estar no mundo como responsável de sua própria história social (SCHNEIDER, 2006).

Assim, Sartre apresenta o método progressivo-regressivo com o intuito principal de olhar para o entendimento de questões que ocorreram desde a infância até a atualidade do sujeito, observando os fatores já experimentados pelo indivíduo, os quais possam, de alguma maneira, ter contribuído na construção de seu projeto de ser/estar no mundo. Por meio desse método, há a possibilidade de a pessoa se sentir capaz e de se analisar de forma que compreenda as situações recorrentes de sua vida (BORIS; NOGUEIRA; PEREIRA, 2018). Nesse mesmo viés, Maheirie e Pretto (2007) acrescentam dizendo que:

O movimento progressivo-regressivo se constitui como uma forma de compreender o sujeito, na medida em que busca se amparar em análises que percorrem as sínteses totalizadoras, tanto das singularidades como do coletivo. Visa o movimento de totalização histórica da singularidade na intersecção da totalidade histórica geral, uma esclarecendo a outra, ambas imbricadas, porém irreduzíveis. (MAHEIRIE; PRETTO, 2007, p. 460)

Esse método visa contemplar também a temporalidade e a mudança dos sujeitos. Isso significa que cada um é protagonista de sua própria história de vida e tem como responsabilidade se reinventar quando necessário, perpassando por caminhos diferentes daqueles já apresentados, de forma a expandir as suas perspectivas de ser no mundo (MAHEIRIE; PRETTO, 2007). Outro aspecto desse método é retratado por Bocca (2019), ao fazer a seguinte afirmação:

Ora, o método sartriano emprega, simultaneamente, o movimento regressivo e progressivo. Trata-se de um eterno “vaivém” entre o abstrato e o concreto, entre o universal e o singular. É um método que objetiva a totalização, sempre tendo como pauta a compreensão da singularidade e da diferença. (BOCCA, 2019, p. 228)

É mediante a essa mobilidade do “vaivém”, entre o individual e o geral, que se faz viável progredir ao objeto em relação à profundidade das vivências, analisando o seu tempo histórico, assim como a época, indo a fundo no relato de vida do indivíduo a ser avaliado (SARTRE, 2002). A partir dessa associação dialética entre o indivíduo e a estrutura em que as vivências são produzidas, ocorre a relação entre a fenomenologia e o método biográfico (PINTO; SANTOS; SPONCHIADO, 2020).

Entre suas obras, Sartre fundamenta seu método progressivo-regressivo e biográfico apresentando a história de Jean Genet, oferecendo-nos um caminho para a compreensão clínica e existencial da realidade humana. Genet, criança órfã, vivenciou grande parte de sua vida sob a responsabilidade da assistência pública. Aos sete anos, foi adotado e, após isso, percebeu-se desprezado pelos familiares. Diante desses fatos, escolheu realizar alguns roubos como fuga para o que estava vivenciando (MARTINS; SILVA; FREITAS, 2015).

Genet, antes de ser adotado, não possuía uma identificação particular, além disso, não se apropriou de moradia, nem ao menos dos bens próprios, não tinha parentes, pois era considerado fruto e responsabilidade do Estado. Genet frequentemente comentava desses ocorridos em seus relatos, apresentando um desconforto devido a esse afastamento. Essa vivência de rejeição e, como efeito, de solidão, alterou os seus caminhos existenciais (SCHNEIDER, 2002).

Sartre, então, se apropria da história de vida de Genet e desenvolve a sua biografia para melhor compreender todo o percurso de sua vida. Sobre esse assunto, Schneider (2002) nos revela que:

Em cada homem encontram-se, simultaneamente, as marcas da cultura, da classe social, do momento histórico em que vive, e da apropriação subjetiva que faz de todos esses determinantes, tornando-nos alguém específico. Isso quer dizer que, ao fazer um “estudo de caso”, o de um sujeito em particular, isto é, ao elaborar a sua “biografia”, estamos estudando sua singularidade, mas, também, a cultura onde está inserido, seu tempo, seus valores, sua classe, e as estruturas gerais de constituição de um indivíduo, ou seja, estamos estudando “qualquer” sujeito. Sendo assim, a biografia Saint Genet permite-nos compreender quem foi, como se constituiu, quais os principais aspectos que definiram o poeta Jean Genet, mas igualmente nos permite entender o ser de qualquer indivíduo, ao nos fornecer uma inteligibilidade antropológica e psicológica, comum a todos os homens. Essa obra foi veículo, ao mesmo tempo, para a apresentação de uma nova metodologia de pesquisa e compreensão da realidade humana. (SCHNEIDER, 2002, p. 167)

As concepções de Sartre, a partir das biografias realizadas, esclarecem significados e sentidos sobre a realidade humana, levando em conta suas particularidades, seu movimento de viver a vida, à condição de seu tempo, às suas origens, com aquilo que o atravessa social, econômica e politicamente. Assim, a clínica psicológica acompanhada de todo o seu percurso, além de outros espaços pertencentes a esse campo, dispõe de muitos ganhos se assim aplicarem esse método biográfico e o método progressivo-regressivo construído por meio de Sartre (SCHNEIDER, 2008).

De modo geral, a psicologia empírica pegou para si a identificação de ciência natural em decorrência do método positivista. A psicologia que se direcionaria ao holismo e contextualismo, isto é, um contexto narrativo, hermenêutico, construtivista, entre outros, é trazida como não científica mesmo sendo considerada uma ciência humana. Enquanto ciência humana, não possui o mesmo prestígio de uma ciência dita natural. Porém, o modelo de ciência natural pode fazer com que se perca o caráter não reducionista e contextual dos fenômenos psicológicos, que são trazidos por meio da estatística, ou por meio do mecanicismo. O modelo médico prefere se basear dentro de uma ciência natural que direciona também a psicologia, com a replicação e previsão, em vez de considerar as explicações contextuais e não reducionistas (PÉREZ-ÁLVARES, 2019).

Assim, a psicologia clínica, amparada pela filosofia existencial, ocorre pela necessidade de o sujeito compreender seu momento atual para que, então, seja possível fazer algo diferente daquilo que foi feito dele. Por conseguinte, curar, para nós, é superar as dificuldades e inserir a resposta de inquérito ontológico do usuário internamente de diferentes pontos de vista, para que assim seus projetos e vontades possam ser reconhecidos. Por isso, a cura, em uma narrativa sartriana, “[...] nunca poderia ser, portanto, uma conformação ao que o paciente é, um assumir-se a si mesmo, uma aceitação

de si, um autoconhecimento, uma adaptação às circunstâncias sociais” (SCHNEIDER, 2002, p. 324).

A psicoterapia com viés clínico existencial sartriano torna-se significativa a partir do momento em que possibilita ao ser humano a sua condição de indivíduo enquanto ser no mundo, para que assim consiga acessar sua liberdade. Todavia, o nosso papel enquanto psicoterapeutas é estar atentos para não cooperar na construção de um indivíduo desinformado, mas sim lhe propor verdadeiramente o direito e a condição de cidadão enquanto ser-no-mundo (SCHNEIDER, 2002).

5. Considerações Finais

Tendo em vista os aspectos apresentados neste trabalho, é possível observar e compreender a grande importância e relevância deste tema para a compreensão global da psicologia e de algumas de suas vertentes. À vista disso, entendemos que, para atuar com/em determinados papéis ou espaços, é imprescindível a busca pelos estudos desenvolvidos ao longo dos tempos, os quais servem como base para compreender o presente com todas as modificações intrínsecas ao passar do tempo.

No levantamento bibliográfico realizado para se atingir os objetivos desta pesquisa, verificamos que a psicologia, por muito tempo, não era considerada uma ciência, e que o surgimento da clínica primeiramente partiu de um saber médico, após longos anos, serviu como referência também em outros espaços além do consultório médico.

Verificamos, então, os múltiplos lugares que a psicologia tem ocupado em nosso tempo, mas, para isso, antes foi necessário compreender como ocorreu esse percurso, desde o estabelecimento de uma epistemologia na área, até o reconhecimento dela enquanto ciência.

Portanto, busca-se uma defesa da psicologia como uma ciência humana que situa o sujeito em sua totalidade, considerando seus contextos históricos, sociais, culturais e pessoais e não apenas o considera um amontoado de particularidades generalistas e não contextuais. Seja dentro dos contextos clínicos, educacionais, seja no cotidiano, é importante compreendermos os indivíduos como ser-no-mundo, com a possibilidade de transformarem suas realidades, tornando-se aquilo que se é mesmo em meio a contingências para a liberdade. Esse fato se reflete sobre o que se fazer com o que foi

feito de mim, tornando o sujeito responsável por sua própria vida por meio de suas escolhas e de seus projetos originais. A clínica é uma das formas de auxiliar os sujeitos a descobrirem o que querem fazer com sua existência.

REFERÊNCIAS

- ABIB, José Antônio Damásio. Epistemologia pluralizada e história da psicologia. *Scientiae studia*, v. 7, p. 195-208, 2009.
- ANGERAMI, Valdemar Augusto. Psicoterapia, detalhes e nuances. In.: ANGERAMI, Valdemar Augusto (Org.). *Psicoterapia Fenomenológico-Existencial*. Belo Horizonte: Ed. Artesã, 2017. p. 55 - 84.
- ARANHA, Maria Lúcia Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna, 2013.
- ARAÚJO, Saulo de Freitas. O nome e a coisa: Sobre as origens da psicologia como ciência. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 21, n. 3, p. 1220 - 1248, 2021.
- ARAÚJO, Sônia Maria da Silva. História e psicologia na hermenêutica da cultura de Dilthey. *Educação e filosofia*, v. 22, n. 44, p. 159 - 184, 2008.
- BOCCA, Marivania Cristina. *A transcendência vivida em sua temporalidade: Sartre e a experiência psicopatológica*. 2019. 370 f. Tese (Doutorado em Filosofia). Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual do Oeste Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Toledo: 2019.
- BOCCA, Marivania Cristina; SILVA, Claudinei Aparecido de Freitas da. Sartre e a unidade da consciência: um breve registro de “A transcendência do ego”. *Intuitio*, v. 12, n. 2, p. e32858-e32858, 2019.
- BORIS, Janja Bloc; DANIEL, Georges. A (pouco conhecida) contribuição de Brentano para as psicoterapias humanistas. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, vol. XVII, núm. 2, dez., p. 193-197, 2011.
- BORIS, Janja Bloc; NOGUEIRA, Caroline Furtado; PEREIRA, Daniel Márcio Melo; DANIEL, Georges. O método progressivo-regressivo na pesquisa em Psicologia. *CIAIQ*, v. 2, 2018.
- BRAGA, Tatiana Benevides Magalhães; FARINHA, Marciana Gonçalves; MOSQUEIRA, Sashenka Meza. Da personalidade ao Dasein: pensamento heideggeriano e práxis clínica. *Revista Psicologia em Pesquisa*, v. 13, n. 2, p. 1 - 23, 2019.
- BRANCO, Rosele Maria. *Michel Foucault e a medicina: sobre o nascimento da clínica moderna*. 150 p. Tese (Doutorado em Filosofia). Programa de Estudos Pós-Graduação

em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC – SP). São Paulo: 2018.

BRITO, Evandro Oliveira de. Franz Brentano e a psicologia empírica: um projeto de filosofia científica, com Comte, contra Comte. *Guairacá-Revista de Filosofia*, v. 31, n. 1, p. 40 - 54, 2015.

CARINO, Jonaedson. A biografia e sua instrumentalidade educativa. *Educação & Sociedade*, v. 20, p. 153 - 182, 1999.

CARMO, Ísis Nery do. O “antipsicologismo” em Husserl e Heidegger: da consciência ao dasein. *Griot: Revista de Filosofia*, v. 17, n. 1, p. 326 - 336, 2018.

CARVALHO, Vitor Orquiza dDe; MONZANI, Luiz Roberto. Sobre as origens da concepção freudiana de ciências da natureza. *Scientiae Studia*, v. 13, p. 781 - 809, 2015.

CASTAÑON, Gustavo Arja. Psicologia como ciência moderna: vetos históricos e status atual. *Temas em Psicologia*, v. 17, n. 1, p. 21 - 36, 2009.

DARTIGUES, André. *O que é a fenomenologia?* 7.^a ed. SP: São Paulo: Centauro Editora, s/d., 170 p.

DUARTE, Gabriel Lemes; MONTICELLI, Pedro. O conceito de intencionalidade em Franz Brentano. *Paulus: Comfilotec*, v. 14, n. 7, 2021.

EIZIRIK, Cláudio Laks; HAUCK, Simone; CAPPELLARI, Camila Piva da Costa. Psicanálise e Psicoterapia de Orientação Analítica. *In.*: CORDIOLI, Aristides Volpato A. V.; GREVET, Eugenio Horacio E. H. (Orgs.). *Psicoterapias: abordagens atuais*. 4.^a ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

EVANGELISTA, Rodolfo Victor Cancio. Dilthey, uma ponte para as Ciências Humanas. *Sapere Aude*, v. 12, n. 24, p. 585 - 594, 2021.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo. Bases do pensamento fenomenológico e existencial em William James. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 33, p. 840 - 851, 2013.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo; MATTAR, Cristine Monteiro. A fenomenologia como método de investigação nas filosofias da existência e na psicologia. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 30, p. 441 - 447, 2014.

FREITAS, Fernando Patrick Prado de. *Os sentimentos na psicologia descritiva e analítica de Wilhelm Dilthey*. 2021. 74 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Programa de Estudos Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: 2021.

FREITAS, Sylvia Mara Pires de. *Sartre, psicologia de grupo e mediação grupal*. 2018. 269 f. Tese (Doutorado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia do

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Estadual de Maringá. Maringá: 2018.

GOMES, Amandio. Uma ciência do psiquismo é possível? A psicologia empírica de Kant e a possibilidade de uma ciência do psiquismo. *Revista do Departamento de Psicologia*. UFF, v. 17, p. 103 - 111, 2005.

GOTO, Tommy Akira; HOLANDA, Adriano Furtado; COSTA, Ileno Izidio da. Fenomenologia transcendental e a psicologia fenomenológica de Edmund Husserl. *Revista do NUFEN*, v. 10, n. 3, p. 38 - 54, 2018.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. 15.^a edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

HOTHERSALL, David. *História da psicologia*. 4.^a ed. Porto Alegre: AMGH, 2019.

KEIDE, Ricardo; JACÓ-VILELA, Ana Maria. “Mens in corpore”: o positivismo e o discurso psicológico do século XIX no Brasil. *Mnemosine*, 2004.

LEONARDI, Jan Luiz. Breves considerações sobre a concepção do objeto de estudo da Psicologia para Wundt e para Brentano. *Psicologia em Revista*, v. 17, n. 1, p. 1-15, 2011.

LESSING, Hans-Ulrich. Wilhelm Dilthey. O filósofo das ciências humanas. *Aoristo-International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics*, v. 2, n. 1, p. 14-31, 2019.

LIMA, Albino Balbino Marçal. O que é a fenomenologia? *In.*: LIMA, Antonio Balbino Marçal (Org.). *Ensaios sobre fenomenologia: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty* [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2014, 124 p.

MAHEIRIE, Kátia; PRETTO, Zuleica. O movimento progressivo-regressivo na dialética universal e singular. *Revista do Departamento de Psicologia*. UFF, v. 19, p. 455-462, 2007.

MARTINS FILHO, José Reinaldo Felipe Martins. Heidegger leitor de Husserl: sob a sombra da fenomenologia. *Prometheus-Journal of Philosophy*, v. 11, n. 28, 2018.

MARTINS, Bruna Flores; SILVA, Lucia Cecília da; FREITAS, Sylvia Mara Pires de. A Influência do Olhar do Outro na Constituição da Subjetividade: Um Estudo Existencial da Obra “Saint Genet” de Jean-Paul Sartre. *In.*: *Anais... XXIV EAIC e IV EAIC*, Maringá, out., 2015.

MATTAR, Cristine Monteiro. Psicologia e Daseinsanálise: o cuidado em atmosfera filosófica. *Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia*, v. 11, n. 1, p. 84 - 104, 2022.

MENGAL, Paul. Para uma história da Psicologia. *Revista Ideação*, v. 1, n. 34, p. 355-374, 2016.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho; NEVES, Edwiges de Oliveira. O surgimento da clínica psicológica: da prática curativa aos dispositivos de promoção da saúde. *Psicologia: ciência e profissão*, v. 27, p. 608 - 621, 2007.

MOREIRA, Virginia. Possíveis contribuições de Husserl e Heidegger para a clínica fenomenológica. *Psicologia em estudo*, v. 15, p. 723 - 731, 2010.

MORENO, Judy Elena Casas. Psicología clínica: revisión contextual y conceptual. *Revista Electrónica Psyconex*, v. 6, n. 9, p. 1 - 20, 2014.

ONS, Silvia. *Tudo que você precisa saber sobre psicanálise*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2021.

PASTORE, Jassanan Amoroso Dias. Psicanálise e linguagem mítica. *Cien. Cult.* São Paulo, v. 64, n. 1, p. 20 - 23, jan., 2012.

PÉREZ-ÁLVAREZ, Marino. La psicoterapia como ciencia humana, más que tecnológica. *Papeles del Psicólogo*, v. 40, n. 1, p. 1 - 14, 2019.

PINTO, Fábio Machado; SANTOS, Ana Claudia Wendt dos; SPONCHIADO, Justina Inês. O biográfico em Sartre: noções e questões de método. *Cadernos de Estudos Culturais*, v. 1, n. 23, p. 75 - 94, 2020.

RIBEIRO, Felipe Figueiredo de Campos. Por que Dilthey não fez escola, como Wundt, James, Freud e outros?: Ideias sobre uma psicologia descritiva e analítica à luz da história da psicologia. *Mnemosine*, v. 14, n. 1, 2018.

ROSELEN, Denis Eduardo Batista. A clínica psicológica inspirada na obra de Sartre. In.: ANGERAMI, Valdemar Augusto (Org.). *Psicoterapia Fenomenológico-Existencial*. Belo Horizonte: Ed. Artesã, 2017, p. 295-318.

SANTOS, Sanqueilo de Lima. Originalidade e precariedade do método fenomenológico husserliano. In.: LIMA, Antonio Balbino Marçal (Org.). *Ensaio sobre fenomenologia: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty* [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2014, 124 p.

SARTRE, Jean-Paul. *Crítica da razão dialética: precedido por questões de método*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SARTRE, Jean-Paul. *O Existencialismo é um humanismo*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada: Ensaio de ontologia fenomenológica*. 20.^a ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. A Fenomenologia de Heidegger e Sartre em suas diferenças. *Aufklärung: revista de filosofia*, v. 7, n. 2, p. 77 - 92, 2020.

SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. A psicologia existencialista com base em Jean-Paul Sartre. In.: MELO, Fabíola Saraiva de. *Psicologia fenomenológica e existencial: fundamentos filosóficos e campos de atuação*. 1.^a ed. - Santana de Parnaíba: Manole, 2022, 296 p.

SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. Sartre e o duplo percurso de análise da realidade humana: psicanálise existencial e método progressivo-regressivo. *Peri*, v. 11, n. 1, p. 18 - 37, 2019.

SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. Novas perspectivas para a psicologia clínica a partir das contribuições de J. P. Sartre. *Interação em Psicologia*. Curitiba, jun. 2006.

SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. *Novas perspectivas para a psicologia clínica: um estudo a partir da obra Saint Genet*. 2002. 339 f. Tese (Doutorado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: 2002.

SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. O Método Biográfico em Sartre: contribuições do Existencialismo para a Psicologia. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, vol. 8, núm. 2, ago., p. 289 - 308, 2008.

SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sydney Ellen. *História da psicologia moderna*. São Paulo: Cengage Learning, 2023.

SILVEIRA, Léa. A psicologia é sua própria crise? Sobre o sentido epistemológico da presença da filosofia no cerne da psicologia moderna. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 30, p. 12 - 21, 2018.

SIMANKE, Richard Theisen. A psicanálise freudiana e a dualidade entre ciências naturais e ciências humanas. *Scientiæ studia*, v. 7, p. 221 - 235, 2009.

SOARES, Brenda; PORTA, Mario. Introdução a fenomenologia. In.: MELO, Fabíola Saraiva de. *Psicologia fenomenológica e existencial: fundamentos filosóficos e campos de atuação* - 1. Ed. Santana de Parnaíba: Manole, 2022, 296, p.

SOUZA, Rodolfo Rodrigues de. Um Caminho com Sartre: Apropriações de seus Métodos para uma Clínica Fenomenológica-Existencial. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 20, n. 4, p. 1293 - 1309, 2020.

WALTER, Bruno Eduardo Procopiuk; PINHO, Gerson Smiech. Crise, Crítica e Clínica. *Rev. Polis Psique*, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 119 - 134, ago., 2017.